

“AQUI, TODO MUNDO É DA MESMA  
FAMÍLIA”: PARENTESCO E RELAÇÕES  
ÉTNICAS ENTRE OS CIGANOS NA CIDADE  
ALTA, LIMOEIRO DO NORTE - CE<sup>92</sup>

“HERE, EVERYBODY IS THE SAME FAMILY”: PARENTAGE AND ETHNIC  
RELATIONS AMONG THE GYPSIES IN THE CIDADE ALTA, LIMOEIRO DO  
NORTE - CE

Lailson Ferreira da Silva<sup>93</sup>

“Aqui todo mundo é da mesma família”: parentesco e relações étnicas entre os ciganos na Cidade Alta, Limoeiro do Norte – Ce; é o título da minha dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Assunção, no ano de 2010 como requisito para obtenção do título de Mestre.

O referido trabalho tem como objetivo compreender como diante de um contexto de constante interação com a população local, os ciganos da família Alves dos Santos, residentes no bairro Cidade Alta, Limoeiro do Norte - Ce, mantêm o sentimento de pertencimento étnico.

Para tanto, empreendi, durante os meses de julho a novembro de 2009, constantes visitas às residências desses ciganos, em especial à casa da

---

<sup>92</sup> Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção do título de Mestre no ano de 2010.

<sup>93</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Prof. (a) Dr. (a) Julie Cavignac. E-mail: [layllson@yahoo.com.br](mailto:layllson@yahoo.com.br)

Dona Zuleide Alves dos Santos<sup>94</sup>, bem como à casa de vizinhos e de outros moradores da comunidade. Além disso, fui aos diversos espaços frequentados pelos ciganos, no bairro.

Ao todo, foram realizadas 20 conversas gravadas com a população local, além de diversas conversas informais. Esses interlocutores podem ser divididos em dois grupos: vizinhos que residiam nas mesmas ruas que os ciganos e pessoas do bairro com quem os ciganos tiveram/têm algum tipo de contato, seja por intermédio de amizades ou de atividades comerciais, em lugares de diversão. Com os ciganos, foram realizadas várias conversas, tanto com os mais velhos, ou seja, aqueles que experimentaram a vida de andarilhos, como com os mais novos.

As conversas com os ciganos tinham quatro partes específicas: o passado de andarilhos; a chegada à Cidade Alta e o processo de adaptação; a forma como se dão as relações com os não ciganos; e por fim a compreensão da permanência do sentido de ser cigano, a organização social do grupo como família e o modo como a linguagem constitui um sinal diacrítico diante da população local.

A escolha dessas temáticas como centro de nossas conversas foi embasada na perspectiva de que os ciganos, assim como outros grupos sociais, são um tipo organizacional cujos indivíduos se identificam e são identificados pelos outros como portadores de uma identidade supostamente baseada na sua origem e formação, constituindo, portanto, um grupo étnico (BARTH, 1998).

A chegada da família Alves dos Santos no bairro data da década de 1980. As irmãs Zeiná Alves dos Santos, falecida no ano de 2008, e Zuleide Alves dos Santos foram as primeiras a chegar, juntamente com os seus filhos, não retomando mais a vida de andarilhos. Seus filhos casaram com os de sua

---

<sup>94</sup> A casa de Dona Zuleide, a cigana mais velha da família Alves dos Santos, se constitui como um “ponto de encontro” entre os ciganos nos finais de tarde. Por isso, centrei a maior parte das minhas observações junto aos ciganos nesse espaço.

própria comunidade, com parentes de outras cidades ou não ciganos da comunidade onde residem, constituindo novas famílias.

Quando chegaram à Cidade Alta, os ciganos começaram a morar em casas alugadas. À medida que as suas condições financeiras melhoraram e a maior parte dos homens conseguiu empregos, construíram as suas próprias residências. Mesmo assim, nos primeiros anos, a adaptação à nova vida encontrou considerável resistência da população local, que não via com bons olhos a chegada dos ciganos.

Apesar de terem endereço fixo, os ciganos mantinham, como meio de sobrevivência, algumas práticas reconhecidas socialmente como compositoras da “cultura cigana”. Entre elas, podemos destacar que alguns homens ganhavam dinheiro com trocas de objetos<sup>95</sup> e algumas mulheres “colocavam” baralho tanto no centro da cidade de Limoeiro do Norte como em cidades vizinhas.

Outro elemento que também marcava essa distinção era uma linguagem própria dos ciganos, utilizada juntamente com a língua portuguesa. Vale ressaltar que essa linguagem ainda é utilizada pelos ciganos, embora em menor intensidade. Para a população local, essa linguagem é um elemento que os diferencia.

Diante disso, podemos concluir que a presença desses traços característicos de uma cigandade alimentava, diariamente, o preconceito em relação aos ciganos da Cidade Alta. Por isso, mediante a convivência com a população local, os ciganos foram, pouco a pouco, deixando de lado essas práticas culturais e mudando, portanto, a forma de organização da vida sociocultural.

Na Cidade Alta, os ciganos começaram a organizar a sua vida sociocultural de acordo com os padrões e modelos fornecidos pela população local: os homens trabalham em firmas localizadas no próprio município de

---

<sup>95</sup> É necessário destacar que, nesse mesmo período, alguns homens ciganos tinham empregos na cidade de Limoeiro do Norte.

Limoeiro do Norte ou municípios vizinhos; as mulheres cuidam do lar e dos filhos; e as crianças e adolescentes em idade escolar estão matriculados nas escolas do bairro ou do centro da cidade. Por isso, não há qualquer forma de segregação em relação aos ciganos, no sentido de se procurar manter um distanciamento ou impedir a presença deles nos espaços sociais que frequentam, cotidianamente, no bairro, devido a sua condição étnica.

Dessa forma, a população local define os ciganos em termos de uma normalidade social. Para a população local, os ciganos são normais porque compartilham a mesma forma de organização social da vida cotidiana.

Essa igualdade permite que os ciganos possam transitar livremente pelos diversos espaços sociais do bairro, estabelecendo relações de ordem social, cultural, econômica e política. Por isso, com a evolução dos anos, os ciganos também passaram a compartilhar esse discurso da normalidade, pois reconhecem que vivem de acordo com as normas de sociabilidades presentes entre os demais moradores.

Entretanto, essa normalidade não é plena, se considerarmos que os ciganos demonstram um desejo de serem tratados sem preconceito ou diferenciação devido a sua condição étnica.

Isso nos leva a perceber que as relações entre ciganos e não ciganos, na Cidade Alta, permanecem tecidas pelos fios do preconceito. Mas esse preconceito não se expressa de forma direta, ou seja, em ações práticas, pois as pessoas têm medo de serem repreendidas e, por isso, não expressam qualquer tipo de opinião na presença dos ciganos.

Assim, o preconceito emerge, na maioria das vezes, em situações de fala em que os moradores expõem pontos de vista a respeito dos ciganos, bem como associados a determinadas marcas sociais de cunho negativo que são utilizadas para defini-los na Cidade Alta. Dito de outra maneira, o preconceito que há em relação aos ciganos não se refere apenas à presença de opiniões pré-concebidas, mas está associado a estigmas.

Todavia, o preconceito que há em relação aos ciganos da Cidade Alta, não é motivo para conflitos velados entre eles e a população local. Logo, a convivência é cordial. Mesmo que os ciganos demonstrem sentimentos de conformação, raiva, tristeza e indignação diante de comentários de cunho depreciativo.

Assim, convivendo em um contexto marcado por relações preconceituosas, os ciganos articulam as noções de história, origem comum e sangue como suportes da sua identidade. Encontram, na linguagem, um elemento que lhes possibilita marcar a diferenciação diante dos outros e, por conseguinte, a família se constitui enquanto modelo de organização social que garante o sentido de união e coletividade/grupo.

Para os ciganos, desde o nascimento a vida foi marcada pelo nomadismo, uma vez que a maior parte dos ciganos mais velhos nasceu no meio do mundo. Esse fato os impossibilita de negarem que são ciganos, mesmo diante das transformações socioculturais que sofreram ao longo do processo de sedentarização.

Ao elegerem o nomadismo como um dos traços que marcam a sua identidade, os ciganos da Cidade Alta pensam-se a partir de uma perspectiva de longa duração, ou seja, o fato de terem nascido ciganos é condição necessária para que nunca deixem de ser, já que também têm parentesco com outros ciganos.

Baseados nessa ideia de origem comum/história, os ciganos justificam a sua condição no presente e destacam o fato de que possuem o mesmo sangue.

É justamente né. É aquilo que eu lhe disse, quem é não deixa de ser. Que eu não posso chegar e dizer, não, eu não sou cigana. Eu sou. Eu não vou negar meu sangue. (Iza Alves dos Santos, set/09).

Nesse sentido, à medida que fundamentam e legitimam a sua condição, os ciganos da Cidade Alta delimitam fronteiras simbólicas diante dos moradores da comunidade por meio de uma história de vida construída a partir de outros referenciais: nomadismo e descendência de outros ciganos/sangue.

Isso implica perceber que a identidade como um dado relacional é sempre marcada por um processo de diferenciação, ou seja, afirmar uma identidade significa negar outras com as quais nos deparamos cotidianamente. Isso nos leva a afirmar que a “construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOORDWARD, 2000), pois é no momento de interação que as fronteiras sociais são definidas.

Nesse sentido, os ciganos reconhecem ser a “linguagem cigana” o único elemento que os diferencia dos demais moradores da comunidade, fazendo com que reconheçam sua diferença diante da população local e, por conseguinte, demarquem sua singularidade étnica.

Na condição de grupo diferenciado, os ciganos estão organizados a partir de múltiplas relações familiares articuladas entre aqueles que pertencem à família Alves dos Santos. A família, aqui, deve ser vista como uma rede social (BOTT, 1976) de indivíduos que estão ligados por relações de solidariedade de ajuda mútua de respeito, e, principalmente por laços de parentesco.

Baseados no parentesco e, por conseguinte, na ideia de família, os ciganos tecem relações que se dão no espaço doméstico, como também com as pessoas da comunidade com quem interagem, fazendo com que compartilhem momentos de alegria, tristezas, dificuldades financeiras, problemas de saúde, responsabilidades, já que a família é o bem maior. Como um bem maior para os ciganos, a família deve ser respeitada e valorizada de maneira indistinta, apesar de qualquer desavença interna.

Mas com o passar dos anos, os ciganos observam as novas gerações crescerem e se distanciarem dos elos familiares, pois cada um quer ser dono de si, além de demonstrar, também um desejo de não ser cigano. Isso

acontece porque os ciganos mais novos nasceram e se criaram em contexto marcado pela sedentarização e de intenso contato com a população, ao mesmo em que conviveram/convivem com as barreiras sutis do preconceito.

Tem preconceito assim, porque tem menina assim que. Tem menina que é interessado pra ficar comigo. Aí por causa que eu sou cigano, aí o pai da menina não deixa ficar comigo porque eu sou cigano. Não, não deixo não que é cigano. É cheio de encrenca. Entrar na família de cigano, tá lascado (Jean Alves dos Santos, set/09).

Não é por acaso que a maior parte dos ciganos mais novos procura minimizar os traços que possam ser diretamente associados como definidores de sua “ciganidade, tanto os estereótipos, como principalmente, a linguagem cigana.

Porque eu convivo mais com as pessoas que não são, do que as que são. Certo que a minha família também é cigana. E às vezes elas trocam muito. Mas, pra mim, não quero essa linguagem. Não tenho comigo (Maria Aparecida dos Santos, Tininha, out/09).

Por outro lado, esses ciganos se forem indagados, assumirão sua condição étnica, pois entendem que, ao agirem de maneira contrária, estão negando sua origem e, por conseguinte sua família, apesar de não se considerarem ciganos.

Por fim, não temos como dizer se daqui a alguns anos teremos indivíduos vivendo na Cidade Alta que se reconheçam como ciganos. Como um dia destacou o Djavan, esse era o momento certo para eu realizar minha pesquisa, pois prevê que daqui a 10 ou 15 anos *esse negócio de cigano não vai mais existir*.

As palavras do Djavan são fortes e vão ao encontro ao que sua avó materna, D. Zuleide, tios (as) e mãe já me disseram: que as gerações mais novas não querem ser ciganas. Mas como deixar de sê-lo?

**REFERÊNCIAS**

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocely (Org.). **Teorias de etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e persistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003. (Coleção Antropologia da política, n. 22)

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1963.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10 , 1992, p. 200-212.

WOORDWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferenças: a perspectiva dos estudos culturais. Petropolis; RJ: Vozes, 2000.

WEBER, Marx. Relações comunitárias étnicas. In: **Economia e sociedade**. V. I. Brasília: UNB, Imprensa Oficial, 2004.